



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.6, jul./nov.2009



A NÃO-LEITURA COMO FORMA DE LEITURA



Elaine Cristina Caron
(Mestre — UNESP/Assis)

BAYARD. Pierre. *Como falar dos livros que não lemos?* Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

En réalité, chaque lecteur est, quand il lit, le propre lecteur de soi-même.

(Marcel Proust. *Le temps retrouvé*.)

Em um texto intitulado *Sur la lecture*, Marcel Proust comenta seu prazer pela leitura, presente também na vida do personagem Marcel, de *À la recherche du temps perdu*, que preferia passar seus dias na companhia dos livros ao invés de brincar com outras crianças e que assim descobriu seu talento para escrever, tornando-se escritor depois de adulto.

Neste texto, Proust reflete sobre a possibilidade de o leitor fazer um bom ou mau uso da leitura. Segundo seu pensamento, o bom uso da leitura é feito quando o leitor pode aproveitar a sabedoria do autor para construir a sua própria; dessa forma, “nossa sabedoria começa onde termina a do autor” (PROUST, 1994, p. 32; tradução nossa). Por outro lado, um mau uso da leitura ocorre quando pensamos no livro como um ídolo imóvel, um objeto sacralizado:

Seu espírito [do leitor] sem atividade original não sabe isolar nos livros a substância que poderia torná-lo mais forte, ele se preocupa com sua forma intacta, que, ao contrário de ser para ele um elemento assimilável, um princípio de vida, não passa de um corpo estranho, um princípio de morte (PROUST, 1994, p. 42, tradução nossa).

Este é um dos pontos que o livro de Pierre Bayard, *Como falar dos livros que não lemos?*, se propõe a discutir. De uma forma bem-humorada, o professor de literatura francesa da Universidade de Paris e também psicanalista, nos leva à reflexão sobre os conceitos de leitura e *não-leitura*, além da questão da sacralização do objeto livro em nossa sociedade.

Pierre Bayard inicia o prólogo de seu livro afirmando que nasceu em um meio em que se lia muito pouco e que pessoalmente não apreciava muito essa atividade e, por isso, ao seguir a carreira acadêmica, tendo se tornado professor de literatura, sempre se deparou com momentos em que teve de dar aulas ou palestrar em eventos sobre livros que nunca leu. Além disso, durante suas aulas começou a perceber que também os alunos são obrigados, diversas vezes, a falar de livros que não leram. Portanto, a conclusão a que chegou é a de que em nossa sociedade, na grande maioria das vezes que nos expressamos sobre leitura, estamos, na verdade, nos expressando sobre não-leituras.

Isso é explicável pelo fato de ser humanamente impossível ler tudo que é escrito e publicado no mundo. Cada leitor é obrigado a selecionar os livros que serão lidos e os que não serão, seja por falta de tempo ou por falta de interesse pelo assunto. Bayard cita, em *Como falar dos livros que não lemos?*, o exemplo de um personagem de um romance de Musil que entra em uma grande biblioteca e começa a fazer as contas de quantos anos gastaria para ler todos os 3,5 milhões de livros que ali existem. O final é frustrante, pois a conclusão a que chega é que seriam necessários cerca de 10 mil anos para terminar esta tarefa. Mas o bibliotecário tenta reanimá-lo dizendo que mais importante que ler cada livro é possuir uma idéia do conjunto que os livros formam. É a partir desta imagem de conjunto que Bayard vai desenvolver seu conceito de *não-leitura* como forma de leitura.

No entanto, ele enfatiza que por diversas razões a não-leitura se torna um tabu, já que se choca com uma série de imposições interiorizadas que impedem o enfrentamento da questão. Bayard aponta principalmente três imposições, a saber: 1) a obrigação de ler — vivemos em uma sociedade em que a leitura é objeto de sacralização, há um cânone que deve ser lido para se obter respeito; 2) obrigação de ler tudo — se é malvisto não ler, ler depressa ou percorrer com os olhos o texto; 3) necessidade de ler um livro integralmente para se falar dele com precisão — muitas vezes nos deparamos com situações em que é necessário falar de obras que não lemos, mas sobre as quais lemos a respeito, e/ou ouvimos falar, e/ou folheamos.

Em entrevista a Bia Fonseca Corrêa do Lago, no programa “Umhas palavras”,¹ para falar de seu livro, Bayard cita um exemplo interessante do significado que a leitura tem para algumas pessoas. Ele aponta para o fato de que os intelectuais geralmente possuem sua biblioteca particular em casa e que geralmente ao receberem a visita de pessoas que não estão ligadas a esta área é comum ouvirem a pergunta: “você já leu todos esses livros?”. No entanto, o que é aparentemente simples de responder — sim ou não — torna-se alvo de uma interessante reflexão: o que significa realmente ler um livro? Há livros que foram lidos e depois totalmente esquecidos, outros que apenas foram folheados, outros ainda dos quais ouvimos falar, livros dos quais lemos somente algumas partes, e assim por diante. Como então chamar toda essa relação com estes livros “não lidos”? De ausência de leitura? Muito pelo contrário, o que existe é uma nova forma de leitura — a não-leitura.

Portanto, embora em casos como os dos exemplos acima não haja uma leitura que segue o modelo tradicional que aprendemos na escola – ler da primeira até a última página — não se pode negar que também se trata de uma forma de leitura. O principal ponto a que Bayard tenta chamar a atenção, com

¹ “Umhas palavras” é um programa do Canal Futura que mostra o encontro de Bia Fonseca Corrêa do Lago com grandes intelectuais para falar sobre leitura, literatura e música. O programa é exibido todas as sextas, às 22h00, com reprise nos domingos, às 21h30, e nas quintas, às 02h30.

o conceito de não-leitura, é a culpa que carregamos por não conseguirmos ou não quisermos ler determinada(s) obra(s). Diferentemente do que possamos pensar ao ler o título de seu livro ou do que muitos intelectuais imaginaram² quando *Como falar dos livros que não lemos?* foi publicado, a intenção do professor e psicanalista não é a de incitar a ausência de leitura, mas de proporcionar uma reflexão sobre as diversas maneiras de se conhecer um livro, seja pela leitura parcial ou pelos “encontros” ocorridos com o livro ao longo da vida. Desta forma, livre da culpa, é possível haver uma relação mais livre com os livros.

Assim como Proust, ele pensa que a sacralização dos livros e do próprio ato da leitura funciona como uma barreira, pois a leitura deve ser sinônimo de originalidade, criatividade e liberdade. A não-leitura garante, portanto, uma relação mais aberta com os livros, em que o interesse pela leitura integral vai sendo adquirido e conquistado aos poucos, sem que exista a culpa por não conseguir ler determinado autor ou determinada obra.

Ousado e muitas vezes irônico, Bayard, ao longo de seu livro, demonstra por meio de anedotas reais ou literárias como o conceito de não-leitura está presente em nossas relações cotidianas, quer queiramos ou não, e chega mesmo ao ponto de confessar suas próprias não-leituras.

Outro ponto importante abordado por Bayard é o fato de um livro nunca ser o mesmo para todos, pois, muitas coisas são esquecidas, outras são substituídas pelo próprio pensamento do leitor e, portanto, o livro que uma pessoa lembra ter lido não é o mesmo que está nas lembranças de outra pessoa, e nenhum dos dois corresponde exatamente ao livro objeto. Mesmo o escritor sofre com este problema, porque o livro que ele escreveu e publicou não é o mesmo que é comentado por seus colegas, pelos estudiosos ou pelos leitores. Cada um cria seu próprio livro, chamado por ele de livro interior.

² Bayard, em sua entrevista a Bia Fonseca Corrêa do Lago, diz que muitos jornalistas e teóricos em todo mundo publicaram textos afirmando que ele queria dissuadir as pessoas de lerem, pois não entenderam o humor de suas provocações e fizeram uma leitura ao pé da letra.

A partir de toda essa reflexão acerca das várias maneiras de ler, a conclusão a que chegamos é de que para Bayard uma pessoa é culta não pela quantidade de livros que ela leu integralmente, mas pelo modo como ela se relaciona com os livros, como ela situa os livros dentro do contexto cultural em que vive, e pelo domínio da idéia do conjunto que prevalece.

Referências bibliográficas

BAYARD. Pierre. *Como falar dos livros que não lemos?* Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

CANAL FUTURA. *Um as palavras*: entrevista com Pierre Bayard, por Bia Fonseca Corrêa do Lago, 2008.

PROUST, Marcel. *Sur la lecture*. Paris: Mille et une nuits, 1994.

Resenha recebida em 20/04/2009 e publicada em 30/09/2009.